

REVISTA DE CABO VERDE

EDITOR RESPONSÁVEL

Abílio da Cruz Madeira

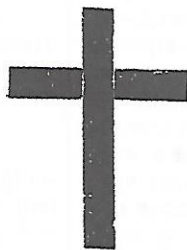
Director — L. LOFF DE VASCONCELLOS

S. Vicente de Cabo Verde

IMP. DE LIBANIO DA SILVA

R. do Norte, 91 — LISBOA

REQUIESCAT IN PACE



MORREU

ANTONIO CLEOPHAS DOS SANTOS

A vida é nuvem que passa

Após uma curta doença, falleceu no dia 4 de setembro este nosso mallogrado amigo e compatriota, que em vida foi pae amantissimo, esposo modelo, funcionario zeloso, intelligente e honestissimo, e patriota levantado.

O illustre extincto possuia um caracter nobre e independente, uma alma cheia de bondades e virtudes, o que lhe conquistara n'este meio em que viveu, sinceras e expontaneas sympathias, e uma merecida consideração e respeito.

A sua morte foi muito sentida e lamentada, e se a sua estremecida familia perdeu um chefe idolatrado e exemplarissimo, Cabo Verde perdeu tambem um dos seus filhos mais illustres e dignos.

Antonio Cleophas, o funcionario incorruptivel, o amigo dedicado, reunia em si todos os dotes e qualidades, que tornam um homem recommendavel e estimavel.

Era um dos descrentes do progresso da nossa terra, um desilludido, um cansado de esperar pelo rejuvenescimento e regeneração do nosso meio!

E assim cahiu de bôrco, o triste somnambulo, levando na alma os sulcos profundos das desillusões do mundo!

Descança em paz, pobre amigo.

Cumpriste bem na terra a tua missão, e por certo gosarás no céu a bemaventurança que Deus concede aos que assim procedem.

A Direcção da *Revista de Cabo Verde*, tomando parte no luto e na dôr que affligem a inconsolavel familia do inolvidavel e pranteado morto, depõe sobre a campa do desditoso amigo, este singello tributo de eterna saudade.

O DIRECTOR.

LEÃO VIEIRA DE VASCONCELLOS

MORREU!

Mais um filho illustre de Cabo Verde deixou de existir! Mal tinhamos enxugado as lagrimas, mal tinhamos acabado de prantear a morte de Antonio Cleophas dos Santos, eis que o telegrapho nos annunciou a subita morte de um prestante cidadão, d'um filho dilecto de Cabo Verde: Leão Vieira de Vasconcellos.

O illustre extincto deixa um vacuo na sociedade caboverdeana e uma profunda saudade em todos que o conheciam.

Gosava de grande prestigio e sympathia em toda a provincia: era mesmo querido, idolatrado e estimado por todos, pelas suas distinctas maneiras, fino trato,

magnanimidade, d'alma e provada generosidade e cavalheirismo.

Occupou sempre uma situação politica, na provincia, das mais brilhantes e prestigiosas, e a sua morte foi geralmente sentida.

A Direcção da *Revista de Cabo Verde*, prestando a devida homenagem ás notaveis qualidades que ornavam o preclaro morto, endereça á sua amargurada familia os sentimentos de condolencia.

O DIRECTOR.

VERDADE

«Nem todas as verdades se dizem».

(Carta d'um homem sério).

Verdade, sempre verdade.

Verdade a todo o transe.

Verdade á custa da paz do meu lar, á custa do bem dos que amo, á custa da minha propria felicidade.

Verdade antes de tudo, primeiro que tudo.

Verdade mesmo acima de Deus, se Deus não fôsse para a Verdade o que o sol é para luz.

Verdade, ainda que a ameaça de noute tenebrosa surprehenda o viandante no mais apertado dos despeñadeiros da vida.

Verdade pura como um beijo de mãe, vivificadora como um raio de sol, santa como a cólera d'um escravo, forte como a vontade d'um povo livre.

Mas, verdade de combate; verdade melinite; verdade que destrua o Mal, verdade que edifique o Bem.

Não a verdade feita n'um laboratorio, como a luz electrica; mas a verdade feita no ceo como a aurora. Não o absurdo feito dogma, como temer o que amo, como a palayra de Jesus feita raio de sol, como amar quem me odeia.

Verdade, azorrague que expulse vendilhões do templo; verdade justiça que arranque Dreyfus do inferno; verdade orvalho, — chuva de lagrimas, lagrimas d'anhos, — que apague a fogueira de Savonarolla; verdade raiva que arraze Bastilhas; verdade philosophia que escreva os direitos do homem; verdade revolução que desseque os pantanos sociaes; verdade que liberte; verdade que nivele; verdade que fraternise e que ensine a essa eterna creança — a Humanidade — a fazer uso do Amor e da Bondade, tão formosas azas que Deus lhe deu.

Verdade que mostre o crime não como o producto

expontaneo d'uma perversão do caracter individual, senão como o resultado da pessima constituição da sociedade.

Verdade que confie á educação moral os criminosos inconscientes, e ás galés os maus legisladores.

Verdade redemptora, verdade purificadora, verdade santissima.

Verdade que queime, verdade que cauteri-e.

Verdade, enfim, á custa de toda essa infamissima mentira que se chama felicidade parasitaria do ente amorfo, estúpido, hermeticamente fechado a todas as grandezas d'alma, que, dentro da sua neutralidade de inutil, de cobarde, de egoista, contempla a pobreza estripada, a justiça mistificada, a virtude enxovalhada, conspurcada, — e regouga, encolhendo-se todo dentro da concha: — «Parvos! não sabem levar a vida!»

Não ha que se anteponha ao dever de dizer as verdades sempre que ellas esclareçam e promovam a um bem.

Submetter a verdade ás conveniencias; occultal-a quando o seu resplendor pode aniquilar uma inteira sociedade envilecida em beneficio d'um só pária innocente, — condemnar Dreyfus, um homem, para salvar a França, a primeira nação do mundo, (porque o espectro de Sedan, como uma terrivel espada de Damocles, está suspenso sobre a consciencia da Justica); calar a verdade porque, de dizel-a, maiores prejuizos que bens advem á sociedade em geral, — é menosprezar a Justiça, é falsear o Direito, é mentir a Deus, é renegar toda a porção de divindade que existe innata no fundo da Consciencia.

Soffra cada qual as consequencias dos seus desmandos; assim as nações como os individuos.

E se não é justo que para se evitar o castigo de cem que erraram, se promova a condemnação opprobriosa de um innocente, como se fez em França, em 1894, — digei-me que monstruosidade não será fazer

FOLHETIM

AMORES D'UMA CREOLA

POR

ANTONIO DE ARTEAGA

(Continuado do n.º 18)

Thimoteo mordeu os labios de despeito e exclamou: — Inferno! — Depois dirigindo-se a outra dama foi tambem dançar.

Terminou a valsa. Frederico passeia com Maria e diz-lhe:

— Avalio a tua dor. Sei tudo. As felicitações que ha pouco vi dirigir o bispo a teu pae e a Manuel Gomes, não deixam a menor duvida de que foi pedida a tua mão.

— Assim é. Meu pae satisfeito e alegre veio esta tarde dizer-me que tinha sido pedida em casamento por Thimoteo; que n'isso ia a sua e minha felicidade; e que era um negocio assente e decidido para d'aqui a um mez.

— Tão cedo?!

— Sim. Recusei ao principio allegando a verdade e dizendo-lhe que o não amava, mas meu pae respondeu-me seccamente: — Pois ha de amal-o: é digno d'isso. — Conbeci que nada podia fazer, que era resolução inabalavel de meu pae o casamento, e que estava lavrada a minha sentença de morte.

— Maria, não imaginas quanto soffro. Parte-se-me o coração!

— Frederico, antes morrer, que casar com Thimoteo.

— O unico meio de salvação é fugir e esperar.

— Sim, fujamos, e se poder ser hoje melhor. Aproveitemos o final do baile quando todos se recolherem. Receio da vigilancia de meu pae.

— Sim. Vou sabir por um momento e dar umas ordens a Antonio. Depois te direi o que haja resolvido.

A musica tocava. Na sala dançava-se com animação.

No gabinete proximo o ouvidor, Manuel Gomes e o capitão-mór da praça, conversavam n'uma das janellas.

— Que tempo, dizia o ouvidor. O céu está negro, os relampagos succedem-se e o vento sul refresca. Veja como a chuva cabe.

— Não vem fóra de tempo, amigo Andrade, respondeu Manuel Gomes; a esliagem já começava a fazer sentir os seus effeitos.

— O que pensa o sr. capitão-mór dos dois navios suspeitos, que hontem appareceram á vista da costa?

— Não creio que sejam piratas, sr. ouvidor. Não tenho receio. Demais as fortalezas estão prevenidas e tudo a postos.

— Ainda assim todas as precauções são poucas. Os navios pareciam d'alto bordo e de boa tonelagem.

— Ora, deixemo-nos d'essas cousas sr. ouvidor. Os piratas não veem cá.

— Quem sabe, respondeu Frederico de Mello, que

sofrer milhares de innocentes por causa d'um unico malandro, como acontece, em todos os tempos, n'um certo paiz muito conhecido de nós todos!

Não; a verdade deve sempre ser dita e apregoada muito alta e desassombradamente.

Affigura-se-me que, dentro em pouco, terei de as dizer bem duras e graves. E, se este jornal logra ser lido lá nas altas atmosferas da governança metropolitana, terão, os ministros do governo portuguez, occasião de saber como é que no ultramar se deshonram e se matam homens puros, carregando-lhes sobre os hombros com todos os erros, com todos os crimes d'aquelles que bem alto pairam para que lhes chegue a varinha flexivel de certa justiça.

A minha pelle, a esta vil carcassa, que, mais tarde ou mais cedo, ha-de dar um *banquete* bem miseravel á bicharia, — não sei que lhe succederá; nem me preoccupa saber-o; tenho mais em que pensar; a minha consciencia, porém, sei que voará para as transcendencias azues, — lá muito junto dos astros, — vedadas aos rasteiros morcegos das baixas zonas.

E, pois que a verdade,

Aquella formosura
Que vestir-se não procura
Por maior honestidade

— como escreveu o padre Bernardes, — não deve nunca calar-se, derival-a-hei sobre esta succursal do ultimo refugio de Heliogabalo, com a purificadora incidencia d'um jorro de sol sobre a lamaceira d'um *chi-queiro*.

E. TAVARES.

Licença para as lanchas irem a bordo

Pugnar pelos desprotegidos e a favor das classes laboriosas, é uma augusta missão de que nos não queremos eximir.

appareceu no grupo. Talvez a esta hora estejam proximos do porto.

— O sr. Frederico sempre ha de ser ave agourenta, exclamou Manuel Gomes.

N'este momento fez um relampago e sentiu-se um ruido secco e rapido para o lado do porto. O ouvidor fez-se livido. — Parece o lançar de um ferro n'um fundo de cascalho, disse elle.

O capitão-mór applicou o ouvido. De repente deu um salto e sahiu pela escada, seguido de varios officiaes. Na sala era grande a confusão.

As cornetas tocavam no quartel da tropa e no forte; os sentinellas gritavam — alerta! — em toda a linha das fortificações, ao passo que o sino grande da cathedral tocava a rebate. Os piratas estavam no porto.

Os piratas

As vigias do forte que dominava a cidade e o oceano, não perdiam de vista os dois navios suspeitos e o official que se achava de serviço não dormia. A noite, porém, era escura e apenas d'espaco a espaco algum relampago deixava ver, furtivamente, uma parte do mar.

Assim os dois navios approximaram-se do porto da cidade sem serem apercebidos. Apehas quando fundearam, o ruido das correntes, lançando o ferro no fundo, despertou a attenção das sentinellas da barbeta,

Os lancheiros em S. Vicente estão pagando 150 réis por cada licença que teem de tirar na alfandega para ir a bordo, o que representa a pesada contribuição de 45\$000 réis por anno, que estes desgraçados teem de pagar, quando muitas vezes, voltam de lá, sem tirar o custo da licença.

E' uma barbaridade esta exigencia, e pedimos a s. ex.^a o governador, os isente d'essa onerosa contribuição, assim como da obrigação de tirar outras licenças que agora lhes são exigidas, que se não representam grande aggravamento de despesas, difficultam todavia muito o serviço das lanchas, embaraçando a sua rapida partida para bordo, e isto sem a minima vantagem para a fiscalização aduaneira ou maritima.

Sendo muito curta a demora dos vapores n'este porto, deve-se facilitar, quanto possivel, o serviço das lanchas empregadas, quer no serviço de transporte de passageiros, quer no de carga e descarga.

LICENÇAS DE SAUDE

Meditem os leitores no que passo a expôr e digam-me depois, se estamos ou não n'um paiz d'idiotas malévols.

Qualquer filho do Reino, empregado publico, achando-se doente, pôde ter licença de saude para ir a Portugal tratar-se.

Um filho do Ultramar, igualmente empregado publico, achando-se do mesmo modo doente, *não pôde ir ao Reino tratar-se!*

Ora, isto, sobre significar uma refinada maldade, pinta bem, talvez, o célebre odio de raça que alguns continentes nos attribuem... Odio de raça têm-no elles, os que nos impõem leis d'esta natureza, os que, não saciados em nos despirem, querem assassinar-nos!

Miseravel, aquelle que provocou semelhante medida! E tres vezes miseravel, aquelle que a sancionou e promulgou!

Os portuguezes de lá são os ditosos. Para elles são

que ficava ao sopé do paço episcopal e sobranceira ao porto.

Davam n'este momento no relógio da torre duas horas da manhã. As sentinellas deram o brado d'alarme, que foi logo repetido por todos os postos, desde a extremidade da barbeta até ao quartel da tropa e trem de artilheria e d'ali ao forte, ao mesmo tempo que do paço episcopal a sentinella corria á torre da Sé e fazia tanger o sino grande a rebate.

Os elementos parecia que se davam as mãos aos piratas para incutir maior terror e confusão aos habitantes da Ribeira Grande. A chuva cahia então a torrentes; o vento soprava, cada vez mais rijo; os relampagos e os trovões succediam-se a curtos intervallos.

Apenas o sino grande deu os primeiros signaes de alarme, todas as janellas se abriram.

Os homens armavam-se de espingardas, pistolas, chuços e machados e dirigiam-se para a praça do Pelourinho. Ali se achava já formado o regimento de infantaria, commandado pelo coronel Bezerra, ao passo que o capitão general, acompanhado do capitão-mór e do major de artilheria davam ordens para diferentes pontos. Debaixo do arco que dava entrada para o quartel, ao abrigo da chuva, chamou o capitão general a conselho os officiaes e resolveram mandar, immediatamente, um escalor a reconhecer os navios, sua armação e provavel lotação e adquirir a certeza das intenções da sua tripulação.

(Continúa).

as melhores collocações, os logares d'alta representação a elles são reservados, e conheço muitos d'esses abutres famulentos, que não se recomendam — nem pela aptidão, nem pela honradez, nem por quaesquer outros merecimentos.

Os portuguezes de cá são os ilotas abandonados, os filhos esquecidos, os Ashaweros sem lazer, as bestas de carga... São... como são também os generosos pobres, que dão tudo que se lhes exige, que deixam de comprar um pão para uma desgraçada familia a fim de abrilhantarem os banquetes dos felizes mandões com o seu necessario á bocca, que se entregam ás delicias da hospitalidade para receber fartamente os de lá que — salvo raras e honrosas excepções — lhes pagam com a ingratição.

E eu, ao considerar em tantas e tão grandes injustiças, pergunto á tristeza do meu espirito: se algum dia não fugiremos a este destino de Sisypho. Ou, porventura, se continuaremos empurrando para o cimo intangivel da montanha a formidavel pedra da miseria...

Mas... pôdem, os que nos trouxeram a este abysmo, tripudiar infrenes n'este infinito palco d'injustiças; que dia virá em que o povo ha-de triumphar dos que — ou o desprezam, ou o opprimem, ou o envenenam...

Não vou, porque desejo ser de Christo, até ao ponto de gravar no meu desejo a terrivel phrase de Billaud-Varennes; mas tenho anceios de que algum dia, embora no derradeiro momento da vida, pudesse ter o prazer de ver estas pobres ilhas independentes, felizes como a microscopica Andorra, ou S. Marino. Anceios de ver transformada em Templo de felicidade esta pobre terra, mercado de gananciosas ambições, casa de jogo onde se rouba a sorte dos que jogam e ganham...

Para que — voltemos ao caso — a injustiça reves-tisse toda a sua hediondez, não era preciso mais nada: — especular com a saude do creoulo, economisar com a sua morte...

A lei infame, que citei, deve ser supprimida.

Como sustentar-se similhante determinação? Adoece gravemente um filho do Ultramar, empregado do governo. E, se n'estas paragens não houver meios necessarios á sua cura, ha de deixar-se que esse alguém, um pae de familia, talvez, e sempre uma vida, morra á mingoa?

E uma Junta de Saude é uma reunião de parvos, ou um corpo scientifico cujas deliberações devem ser acatadas?

E o africano, o asiatico ou o malaio são, ou não, cidadãos portuguezes com direitos, perante a lei, eguaes aos da metropole?

Ponham de parte as Juntas de Saude os favoritismos; opinem pelas licenças d'aquelles só que d'ellas carecem, mas risque o governo esta verdadeira lei de funil — larga para uns, d'um lado, e estreita, d'outro lado, para outros — a qual lei, além de pôr em relevô o odio de raça, em que peze aos bons portuguezes de lá, é uma affronta ás Juntas de Saude do Ultramar.

E para concluir diremos aos tyrannos, que, segundo parece, nada apprenderam com a derrota recente da Hespanha...

JOSÉ LOPES DA SILVA.

Arborisação e saneamento

Ultimamente tem-se notado uma certa energia e boa vontade da parte do governo da provincia, em dar maior desenvolvimento á plantação e sementeira d'arvores no archipelago.

Já no anno findo e na quadra propria, se ordenou em larga escala a plantação de purgueira, da accacia Martins, de tarafes e de outras arvores em diferentes ilhas, que, em parte, vingaram e se desenvolveram, e também a direcção das obras publicas fez grandes plantações de purgueira na orla das estradas da ilha de S. Thiago.

Se o resultado da tentativa não foi tão importante como se esperava, já pela destruição que lhe fez o gado, já pela devastação que lhe fez o homem, uma parte das arvores e dos arbustos ficaram.

O que resta agora é estudar o meio de evitar a destruição do que escapou e do que continuar a semear-se e a plantar-se, visto que a idéa da arborisação não foi posta de parte, antes parece se animou mais.

Novas plantações e sementeiras se fizeram este anno e, além d'isso, foram distribuidas plantas e sementes, para quasi todos os concelhos, da arvore da borracha, que vinga, nasce com muita facilidade, nos terrenos apaulados e nas encostas e leitos das ribeiras.

Esta arvore, além de attingir uma altura rasoavel, é muito copada, e a sua seiva — a borracha — um rico producto de exportação.

A regeneração, a vida e a prosperidade d'esta provincia, depende, essencialmente, da modificação das suas condições meteorologicas e climatericas. Aquellas serão modificadas com a arborisação do archipelago, e estas com saneamento de seus terrenos pantanosos.

Tudo o que se faça, pois, para se chegar a estes resultados, é digno de louvor e de registro.

Que o governo provincial não desanime na tarefa que se impôz de iniciar a arborisação do archipelago, e que os particulares, sahindo da sua tradicional indifferença, secundem os seus esforços, são os desejos de nós todos.

O governo abriu o caminho á iniciativa particular, mandando vir sementes e estacas da arvore da borracha e distribuindo-as aos agricultores.

A estes cumpre, logo que reconheçam a facilidade com que aquella arvore vinga e se desenvolve, mandar vir maior numero de estacas e de sementes, até que as possam tirar das proprias arvores, logo que as tenham em numero sufficiente para isso.

Que todos se unam n'esta cruzada santa; que todas as iniciativas se concentrem para este fim; que cada habitante plante ou semeie uma arvore; que os parochos e os professores demonstrem, em cada dia, aos seus parochianos e aos seus discipulos, as vantagens que pôde trazer a esta terra a arborisação; que a imprensa local aborde esta questão e faça propaganda; que se escrevam, mesmo em creôlo, folhetos e se distribuam profusamente pela provincia.

* *

Outro importante melhoramento que se prende e liga inteiramente com a arborisação, é o saneamento dos pantanos.

Com a maior arborisação, as chuvas cahirão mais regulares e mais abundantes, e por isso a drenagem dos pantanos deve ser maior e mais perfeita.

A agricultura — não dizemos já, mas mais tarde —, poderá soffrer uma profunda transformação no archipelago, com a introdução de novas culturas ou maior desenvolvimento das actuaes, e se a colonisação quizer n'elle alargar-se e crear raizes é preciso sanear.

Sem saneamento não ha colonisação possivel ou estavel em Africa.

O estado sanitario da cidade da Praia modificou-se

sensivelmente nos ultimos tres annos, sendo opinião medica competente, que essa modificação se deve á maior drenagem dos terrenos apaulados que a circumdam.

A conclusão, pois, de taes trabalhos, e o estudo para extincções do pantano de Pedra Badejo, está indicada como uma necessidade ligada á maior extensão da arborisação.

A.

LEIS D'EXCEPÇÃO

A historia do exercito ultramarino desde a sua criação, a despeito dos relevantes serviços prestados pelos seus officiaes — esforçados campeões da colonisação e da civilisação africana — offerece as mais flagrantas injustiças, motivadas por odiosas leis de excepção, promulgadas pelo ministerio da marinha e ultramar. E as suas consequencias poderiam alargar os laços que constituem e estreitam a nobre familia militar, mantendo a sã harmonia, a promptidão no cumprimento dos deveres e a rectidão no procedimento, se não fosse o bom senso d'esses officiaes. Mas, essa discordia excitada extraordinariamente pelos altos poderes, estamos convictos que jámais se tornará effectiva, porque estes briços obreiros africanos sabem soffrer, resignadamente, esses agravos, essas preterições, esses desprezos, que pullulam constantemente, desrespeitando os direitos d'essa legião da *Torre e Espada* e de *Valor Militar*, conspurcando injusta e propositalmente os seus serviços prestados em inhospitas terras, defendidas por elles com factos bem meritorios, sem nunca se subtrahirem á influencia nociva de climas em que adquirem gravissimas doenças, deixando, alfim, ossadas nos campos da batalha, lamentos da viuvez e da orphanidade.

É tão completa a cegueira de protrahir os direitos d'estes infelizes que tiveram a felicidade ou a infelicidade de terem nascido em Africa, que não se relembram que a maior parte dos officiaes do exercito d'Africa é europeia e, consequentemente, da mesma patria dos seus camaradas do de Portugal, cognominados actualmente de — *tabellas A ou B* — conforme a égide protectora que os ampara.

Não é nosso intuito regatear as vantagens que auferem os officiaes do exercito de Portugal, servindo longe da terra que os viu nascer, por quanto conhecemos o arduo serviço nos nossos feracissimos e vastissimos territorios, tanto mais apreciaveis, quanto mais cubitados pelo insaciavel appetite de poderosos inimigos; todavia, não deixaremos de reconhecer a injustiça que soffrem os officiaes das forças ultramarinas de não lhes serem extensivas essas mesmas vantagens, quando servem em provincias diferentes da sua naturalidade. Se, porém, o Estado não pôde com taes augmentos de despesas, justo, justissimo, seria cortar por todas ellas, deixando á vez d'essas leis de excepção tão odiosas e reluctantes.

Para este estado de coisas manifestamente ultrajante e off-nisivo, estes verdadeiros defensores das nossas colonias, valiosa herança d'esse passado de glorias portuguezas, appellam, confiadamente, para o eminente ministro e secretario d'estado da marinha e ultramar, o ex.^{mo} sr. Antonio Eduardo Villaça, que exuberantes provas tem dado do seu incontestavel civismo, indiscutivel imparcialidade e elevadissima intelligencia no alto cargo que lhe está confiado.

Seria uma ingratidão imperdoavel da parte d'estes benemeritos officiaes ultramarinos se olvidassem o seu

acerrimo defensor, o notavel e intelligente jornalista, ex.^{mo} sr. Eduardo de Sá Nogueira Pinto de Balsemão, ex-secretario geral de Cabo Verde, Angola e India, que sempre tem pugnado, — com a mais louvavel vehemencia e sã criterio, — pelos direitos da alludida classe.

A enumeração aqui de todas as leis de excepção que tem sido decretadas para o ultramar, seria fastidiosa; por isso, começaremos a demonstrar apenas a injustiça que ha na contagem de tempo do serviço militar no ultramar, sem commentarios, ficando a s. ex.^a o ministro da marinha o tirar d'essas leis as considerações que merecerem, ampliando aquellas que constituem as mais fragrantas injustiças aos officiaes d'Africa.

Abstemo-nos de dizer qualquer cousa que se possa parecer com commentarios, como já dissemos. — É ler essas leis e tirar d'ellas aquella conclusão que salta aos olhos de toda a gente; e a convicção triste de que a situação das praças colonias peiora na proporção que a das praças europeias (muitas vezes africanas que vão a Portugal assentar praça) melhorem.

Art. 3.º da carta de lei de 8 de junho de 1863:

«Para os effeitos da reforma de que trata o artigo antecedente e seu paragrapho, o serviço feito em campanha será contado pelo dobro, e ao serviço ordinario prestado em terra como nas estações navaes, pelos militares pertencentes ao Exercito do Continente ou da Armada, será addicionado metade do mesmo tempo.

§ unico. O disposto na ultima parte d'este artigo será extensivo aos militares de primeira linha das provincias ultramarinas que servirem em Africa ou em Timor».

Art. 34.º do decreto de 2 de dezembro de 1860:

«O tempo de serviço militar effectivo dos officiaes e praças de pret europeias no ultramar será considerado com o augmento de metade da sua duração, para fazer adquirir aos officiaes a vantagem da reforma e condecorações, e ás praças de pret o direito de entrarem nas companhias de reformados.

§ 1.º As praças de pret europeias, voluntarias ou contratadas, que completarem o tempo a que são obrigadas no ultramar, e quizerem continuar ali o serviço, serão-lhes-lia contado em dobro o tempo que servirem desde essa época em diante, para os fins designados n'este artigo.

§ 2.º As praças sentenciadas por desertores ou incorrigiveis, que tendo completado o tempo a que eram condemnadas por sentença permanecerem voluntariamente no serviço do ultramar, entram na regra estabelecida no paragrapho antecedente».

Carta de lei de 29 de maio de 1884:

«Applicado, para os effeitos da reforma, aos europeus que forem officiaes de 1.ª linha das provincias ultramarinas e aos officiaes naturaes da India ou de Macau, que servirem em Africa ou em Timor, o disposto no art. 3.º, § unico, da lei de 8 de junho de 1863».

Bases para a organização das reservas e das tropas de 2.ª linha nas provincias ultramarinas, decreto de 19 de julho de 1894:

Art. 54.º As praças habilitadas com a instrução correspondentes aos exames de admissão aos lyceus do reino, usarão como distinctivo uma estrella de metal dourado da linha mediana da folha externa da

manga esquerda a meia distancia entre o canhão e o cotovello, e são consideradas como praças europeias para todos os effeitos.

Art. 101.º Passam a ser considerados europeus para todos os effeitos os officiaes, embora nascidos nas provincias ultramarinas, quando sejam filhos de paes europeus».

LUTOS

Ainda no seio das primitivas sociedades, parece que o homem, golpeado pelas eternas separações, procura, — umas vezes elevando-se ao acume do soffrimento, outras vezes precipitando-se no ridiculo das hypotyposis — manifestar, publicamente, a sua dôr.

E, como seja privativo do character humano, esse exagero na exteriorisação dos sentimentos é prova de que, os primeiros florejos do ridiculo, as primeiras tragédias do coração, coincidiram com o apparecimento do homem sobre a terra.

Levados na corrente da imitação, — o ponto psychico que mais nos approxima do macaco, — aquelles a quem de leve sombreava a aza negra da Dôr, macaquearam aquelle primeiro desespero de um, aquelle primeiro soffrimento verdadeiro, cobrindo a cabeça de cinzas, revolvendo-se nos paues e fugindo das cavernas, para as solidões, onde nada distrahisso o pensamento fixo no objecto perdido para sempre.

E não sei se será exagero de phantasia, imaginarmos a mãe primitiva, depois de ter procurado, em vão, animar o filho morto com as primeiras interjeições da dôr, com os primeiros gritos d'alma, errar pelas solidões, pelas margens solitarias, arrastar-se pelos penhascos após o echo da propria voz, e cabir erguendo os olhos para o céu, n'aquella lucidez dos derradeiros momentos, rompendo a obsecção das primitivas intelligencias.

E cabir erguendo os olhos para o céu, sim, porque não foi a sabedoria que primeiro encontrou Deus, senão a dôr que primeiro o procurou. E aquelles que ainda não sabiam cobrir a sua nudez, tinham já, nos seus momentos dolorosos, olhado para o infinito, n'uma ancia de regresso.

Entretanto, que a dôr, variavel só na intensidade de individuo para individuo, deve ter sido igual em todas as edades e entre todos os povos, a sua forma de manifestação tem variado de seculo para seculo, de povo para povo.

Os antigos egypcios vestiam-se d'amarello durante o luto.

Amarello era a côr da morte, a côr outomnal da folhagem que junca o solo quando a primavera adormece á entrada da sua hybernação.

E a rainha Nitocris, a bella das faces rosadas, de amarêllo se vestira, amarellas se lhe tornaram as rosadas faces, quando, cortando-lhe a morte o loctus ideal dos seus amores, lhe tombou o coração sobre o mausoleu do esposo adorado.

De branco se vestiam as dolorosas mulheres de Roma e Sparta, quando os seus guerreiros partiam para esse escuro paiz d'onde romeiro algum voltou ainda, — como dizia aquelle extraordinario poeta, inglez. — E, que alvissimas procissões de esposas em procura de esposos, de filhas em busca de paes, de irmãs em pós de irmãos, de mães a chamarem pelos filhos — sobre os campos onde esses grandes povos feriam as suas homericas batalhas!

Que romarias de neve pelos desfiladeiros da Laco-

nia, onde cahiam aquelles extraordinarios homens, cuja sombra lendaria se projecta ainda nos nossos dias atravessando os immensos seculos do passado!

E, ainda hoje, de branco se vestem, na China e no Siam, aquelles a quem a morte rouba um ente querido. Porque a côr branca é o symbolo da pureza e da immortalidade.

Da côr do céu, da morada d'aquelles que mereceram a aureola d'um olhar de Mahomet, — azul, é o luto entre os turcos.

Entre nós foi branco o luto, até á morte d'aquelle formoso rei, cuja formosura não o poudo fazer amado mesmo por aquella a quem tanto amou.

E, D. Leonor Telles, essa mulher que levou os dias da sua vida a ennegrecer os d'aquelle a quem jurara fidelidade de esposa, deve ter sido a primeira viuva portugueza que se cobriu de vestidos pretos.

A morte de D. João I — «el-rei tomou doo de preto e os infantes tomaram burel segundo sempre até aqui se costumou,» — diz Pina na chronica de D. Duarte.

O uso do luto preto parece que foi tomado dos gregos e romanos.

O negro symbolisava o *Loca nocte silentia laté*.

A morte de Moysés os judeus lançaram luto por 30 dias.

Como, porém, começassem a ser exageradas as manifestações funebres, fechou-lhas a lei dentro d'um periodo de sete dias: *Loctus mortui septem dies*, durante os quaes, arrancavam os cabellos, rasgavam os vestidos, comiam e dormiam na terra, andavam descalços, deixavam crescer as barbas e as unhas e não tomavam banho.

As leis de Lycurgo davam onze dias aos spartanos para as suas solemnidades funebres.

Por morte dos imperadores, os romanos tomavam luto por sete dias.

Entre nós, manda a pragmatica que, por pessoas reaes, se tome luto por seis mezes!

Mais avisados andam os gentios, cujas manifestações de sentimento, por morte dos grandes chefes, duram trez dias.

E. TAVARES.

Dr. Bernardo José de Oliveira

Semelhante a um raio que tivesse fulminado alguém, assim veiu de encontro aos espiritos desprevenidos a noticia de ter a Parca implacavel cortado o fio d'existencia d'essa vida apreciabilissima do nosso, primeiro que tudo, bondoso compatriota, o ex.^{mo} sr. dr. Bernardo José d'Oliveira.

Descendente d'uma das mais distinctas familias d'esta Provincia, seguiu, já no periodo adolescente para Lisboa, onde, decorridos alguns annos, recebeu o seu diploma de medico, em 1868.

Tendo regressado á Provincia, e depois de ter militado como medico do governo, reformou-se em tenente-coronel, vindo então a fixar sua residencia em Santo Antão, sua terra natal.

A ultima vez que o auctor d'estas linhas esteve com elle, foi no dia 25 de junho, dia immediato ao da sua chegada do Paul, onde possuia uma boa lavoura.

Já então lhe apparecera os primeiros symptomas da doença que o havia de levar á sepultura.

Quem diria que n'um curto lapso de tempo, quando

então parece que sentia o prazer da vida, este astro de primeira grandeza desapareceria, deixando-nos a todos frios, às escuras!

Pertencia a esta grande constellação que nos fastos dos nossos homens de letras, se compõe do fallecido Roberto Duarte Silva, dr. Joaquim Esmeraldo Nobre, dr. João Gualberto Pinto, dr. Matheus Antonio Lima e Viriato Fonseca.

Ha cerca de doze annos que a morte, com a sua foice destruidora, nos anda ceifando esses raros homens de merecimento que possuímos: o primeiro foi Roberto Duarte Silva, em 1887, e agora este.

Porque havia de ser assim! Consequencia das leis immutaveis a que ninguém pôde fugir!

Mas para que a nossa constellação conte sempre um certo numero de estrellas de primeira grandeza, urge, ó compatriotas meus, que vós que podeis, que dispondes de meios, mandeis sempre educar os vossos filhos: é só por este caminho que o homem se torna importante, é só por este caminho que uma nação se converte em uma potencia.

Como consequencia do seu grande merecimento, da sua grande bondade, do seu grande altruismo, todos, grandes e pequenos, transidos da mais pungente dôr, o acompanharam até á sua ultima morada.

E como não ser assim, se esse homem, pelo seu grande patriotismo, soube, em todas as terras onde esteve, conquistar as maiores provas de sympathia e consideração do povo.

O sr. dr. Bernardo, pode-se dizer, era um espirito democratico encerrado n'um envolver aristocratico.

Quem o considerasse pela aristocracia das suas maneiras, distinctas até á quintessencia, diria com certeza que era inabordable; porém, ganho um pouco de coragem, quem se achegasse d'elle, convencer-se-hia logo que estava com o espirito mais chão, com o homem mais despidido de preconceitos, n'uma palavra, com um verdadeiro democrata.

E não admira que assim fosse, porque predicações taes só pertencem aos espiritos lucidos. Só elles sabem ser caridosos, só elles sabem ser bons, só elles sabem ser grandes descendo á consideração dos pequenos. Só elles, desprendendo-se por um momento dos laços terrenos para se deixarem, nas suas grandes locubrações, elevar ás regiões puras do saber, n'essa como analyse do progresso íntimo, sabem, melhor que nós outros, os seres vulgares, conhecer as fraquezas da humanidade.

Que coração bondoso tinha o dr. Bernardo! Que grande alma se encerrava n'aquelle corpo pequeno!

Um amigo, que teve a felicidade de privar com elle, contou-me a seu respeito o seguinte episodio, que dá perfeitamente a medida do seu caracter bondoso.

Acabava elle de chegar do Paul e, depois de se apeiar em casa de seu cunhado, sabiu, e como encontrasse no Terreiro alguns amigos, parou para trocar com elles algumas palavras, quando se abeirou d'elle um homemsinho:

— Doutor, vinha ter com v., para ir vêr minha mulher, que se acha n'um estado desesperador; ella está de parto.

Como resposta, disse-lhe o doutor:

— Os senhores imaginam que sou algum menino de palha; o medico do governo está na Ponta de Sol; eu já não sou medico; estou reformado.

E o homem desapareceu.

Depois de pequena reflexão, perguntou elle a um dos interlocutores:

— Sabes onde mora esse homem? E' muito longe d'aqui?

— A meia legua, lbe respondeu.

— Não tens uma cavalgadura?

— Tenho.

— Então tu me acompanhias até lá; ao menos vamos conversando pelo caminho.

Seguiram, pois, para ali, e depois de, auxiliado de sua sciencia, ter afastado todos os perigos a que a parturiente se achava exposta, feita a sua *toilette*, quando já se preparava para partir, disse-lhe o homemsinho:

— Sr. doutor, quero saber quanto é o seu trabalho... Tenho esta casinha com este pedaço de terra, e mais ainda uma outra.

O doutor, reflectindo que se tivesse de se fazer pagar, o homemsinho ficaria na miseria, então, inspirando-se nos seus sentimentos altamente humanitarios, respondeu-lhe:

— Desejo que você me faça a mim padrinho, e ao meu companheiro madrinha da creança recém-nascida.

Quem não vê ahí uma alma superiormente generosa, uma alma altamente caritativa?

E' por isso e por muitos factos de grande valor moral que, no momento em que escrevo estas linhas, o coração dos seus compatriotas, parentes e não parentes, se acha de tal modo ferido, que tarde, bem tarde, poderá esquecer o grande vulto da nossa terra.

Todos nós lamentamos, do fundo d'alma, uma tão grande perda.

Ao entrarmos no cemiterio do Ilheu, caminhava ao lado do sr. Manoel Fonseca. Depois de o cumprimentar e perguntar-lhe pela saúde do seu distincto filho, elle disse-me:

— Aqui é o campo da egualdade.

Ocorreu-me então a phrase que Victor Hugo pôz na bôcca de Carlos V, ao contemplar o tumulo de Carlos Magno:

— *Tout est-il donc si peu, que ce soit là qu'on vienne?*

Vós, ó membros da familia de um tão preclaro cidadão, que vos achais engolfados na maior das dôres, procuraes a vossa consolação na magua que o inesperado passamento d'esse eute querido produziu em todos os filhos d'esta terra.

Que a terra lbe seja leve, é o que lbe deseja o seu amigo e ex-discipulo.

Santo António.

MANOEL TOLENTINO.

CORRESPONDENCIA

Lisboa, 5 de outubro de 1899.

Dois assumptos qual d'elles de maior importancia, prendem hoje as atenções dos homens que pensam. O recrescimento da peste bubonica no Porto e a ruptura das relações entre a Inglaterra e o Transvaal.

No continente, a peste desenvolvendo-se medonhamente no Porto e já em pontos dispersos, ameaça invadir o paiz todo e faz-nos prever as scenas horrosas de Bombaim.

Na Africa Oriental a guerra entre a Inglaterra e a republica do Transvaal ameaça envolver-nos em complicações, de que hão de resultar necessariamente a perda da nossa melhor colonia ao Sul d'Africa.

Tem o governo elementos proprios para resolver duas questões tão complicadas?

Não tem.

Não que lhes falte talento intellectual, mas porque não tem a energia indispensavel para arrastar contra imposições d'amigos ou partidarios, e porque, antepõe a todas as considerações a ambição de se conservar no poder por auxilio do partido, despreza o bom senso para se arriscar na conquista de adeptos.

Domando-se a exigências insensatas, despreza os conselhos de experiencia e da razão.

É um governo fraco e por isso incapaz de estar dirigindo um país ameaçado pela peste e pela guerra, circunstancias em que mais se exige força de vontade para reprimir e ponderar para resolver, do que o talento, muito útil para relatórios, mas sem importancia, desacompanhado de energia e criterio.

— O Banco de Inglaterra elevou a taxa de desconto que estava a 3 1/2 por cento a 4 1/2. É significativa esta alteração.

— O sr. Villaga, ministro da marinha, mandou seguir, com toda a rapidez, os processos por contrabando e todas as communicações vindas d'Africa acerca de descaminho de direitos.

— Hontem ás 8 e meia horas da noite houve sessão solemne de abertura dos cursos do Instituto 19 de Setembro, na sala da Camara do Commercio, sob a presidencia do sr. ministro das obras publicas. Esta piedosa instituição, que já dá gratuitamente ensino de todas as disciplinas que formam o curso dos lyceus, que o nosso amigo e distincto mathematico Antonio Cabreira, tanto se esforça por levar á cathedra de estabelecimento d'ensino de 1.ª classe, não podia deixar de merecer as atenções do talentoso ministro das obras publicas, conselheiro Elvino de Brito, que dignando-se presidir á sessão solemne d'abertura dos cursos, deu testemunho do bom conceito em que tem os institutos que tem por fim ministrar instrucção aos filhos do povo desprotegido de fortuna. Como lente do Instituto 19 de Setembro, gravo no coração um agradecimento ao ministro que com a sua presença veio honrar a classe a que me prezo de pertencer.

J. G.

E' BOM REGISTRAR-SE

O sr. visconde de Chancelleiros, referindo-se ha pouco tempo, na Camara dos Pares, ás concessões no Ultramar, disse: «que não considera as colonias como patria portugueza porque não é patria de portuguezes a patria dos Gungunhanas, nem elle, orador, pôde consagrar-lhes o mesmo amor que consagra á verdadeira terra da patria».

Se alguém duvidar leia o *Diario* de 24 de julho.

RESENHA NOTICIOSA

PRAIA

Em vista de reinar a peste bubonica na cidade do Porto, foi este porto declarado infeccionado e suspeitos todos os do continente portuguez e fechados os portos do archipelago ás suas proveniências, com excepção do da Praia, onde se recebe carga e passageiros dos portos suspeitos com todas as cautellas quarentenarias e rigorosas desinfecções.

— A canhoneira *Mandory* foi ás ilhas do Maio e da Boa Vista em serviço. N'aquellas ilhas os gafanhotos estavam fazendo grandes estragos.

Adoptaram-se as providencias necessarias para os extinguir.

— No dia 31 veio ao porto da Praia um vapor belga, buscar gente para o serviço agricola da Companhia da Guiné.

Quería o encarregado da companhia levar 100 homens. Como, porém, a lotação do vapor, não lhe permitia levar tal numero de emigrantes, embarcou só 20.

Foram com passaporte e contracto devidamente legalizado, ganhando 6\$000 réis por mez, com direito a casa, cama, meza e medico em caso de doença.

— Tem-se estado a fazer obras no lazareto da Praia. Além de reparos diversos, está-se levantando um grande barracão para deposito e desinfecção de mercadorias. Também se está tratando de restabelecer a communicação telephonica com o hospital, que estava interrompida.

— Os gafanhotos também appareceram no littoral d'esta ilha de S. Thiago, onde fizeram algum estrago. Começam, porém, a desaparecer com as ultimas chuvas cahidas.

— Chegou a 13 o vapor *Casengo*, vindo do norte, que ficou de quarentena. A carga e passageiros foram para o lazareto, afim d'aquella ser beneficiada e estes ficarem ale 12 dias.

— Regressou de Bolama o sr. Manuel Nunes de Oliveira, facultativo de 1.ª classe do quadro de saude.

— Ficou impedido o vapor *Bissau* por proceder de Lisboa, e os seus passageiros, incluindo os vindos da Guiné, foram para o lazareto.

— O estado sanitario tem-se conservado satisfatorio, na cidade da Praia.

S. VICENTE

No dia 8 de setembro teve logar a festividade de Nossa Senhora da Luz, orago d'esta freguezia, assistindo á missa e acompanhando a procissão os principaes funcionarios.

O corpo consular só se fez representar pelo sr. A. Vera Cruz, vice-consul do Brazil e Uruguay, e pelo sr. João Baptista Guimarães, agente consular dos Estados Unidos d'America.

A igreja estava esplendidamente ornamentada. Houve sermão, pregado pelo rev. parochio Luiz Loff No-gueira, notando-se muita concorrência de povo, tanto á missa, como á procissão.

— Suicidou-se, com um tiro de revolver, o negociante d'esta praça, José Leitão Pereira.

— Foi nomeado aspirante d'esta alfandega, o sr. Jayme Ferreira.

Os nossos parabens. — Tem diminuido consideravelmente o numero da entrada de vapores n'este porto, por causa da peste bubonica em Portugal. A população da ilha está lutando com difficuldades e a camara pediu a abertura de trabalhos publicos, para socorrer o povo.

XIMENES.

SECÇÃO ALEGRE

Deus disse: faça-se a luz!
e foi feita... sem despeza!
Creador da Natureza,
Elle a tudo tinha jus.
São Vicente e São Thiago,
(camaras municipaes,
um pouquinho rivaes!)
querem luz exactamente...
só lhes falta o condão mágico
de conseguil-a... por bocca!

Um enorme facho ardente
mais enorme que o solar!
Não sei dizer a qual tóca
a gloria da iniciativa;
apenas posso affirmar
que ha entre ellas lucta viva,
cada qual tem mais lembranças!
Qual primeiro grita: — eureka!?
luz electrica, é boneca!
e ellas... zelosas crianças!

ESCLAPPIO AFRICANO.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos estimaveis assignantes desculpa da irregularidade que tem havido na distribuição da nossa REVISTA, devido ás difficuldades levantadas pelos rigores quarentenarios a que estão sujeitas as procedencias de Portugal por causa da peste bubonica, por cujo motivo somos forçados a publicar só um numero cada mez.

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

L. Loff encarrega-se de tratar de negocios judiciaes; ensina escripturação, contabilidade commercial, e francez.

Para a collecção da REVISTA DE CABO VERDE

Vende-se na redacção em S. Vicente:

| | |
|------------------|-----|
| N.º 1... | 400 |
| » 2 e 3 cada... | 250 |
| » 4 em diante... | 120 |

TRABALHOS TYPOGRAPHICOS

L. Loff, administrador da *Revista de Cabo Verde*, recebe encomendas de quaesquer trabalhos typographicos, como facturas, circulares, talões, bilhetes de visita, folhetos, livros, etc. Execução rapida e preços modicos.